

**É tempo de mais neblina nas rodovias**

Entre este mês e agosto, vive-se o período de maior incidência de neblina nas rodovias paulistas. Motorista deverá dirigir com mais cautela, pois também aumenta o risco de acidentes. Levantamento oficial mostra os pontos mais perigosos do Estado. A-9

# Cidades

# Santos quer frear ritmo de invasões em favelas

Prefeitura admite falha em congelamento

CÉSAR MIRANDA

DAREDAÇÃO

Em 2006, a favela da Alemoa, em Santos, tinha cerca de 970 famílias vivendo em condições precárias. Naquele ano, um incêndio deixou 166 delas desabrigadas. Oito anos depois, a área que pertence à União não teve qualquer fiscalização para se impedir a construção de novos barracos: há, ali, aproximadamente 1.500 famílias.

“Moro aqui desde que nasci, há 40 anos, e nunca vi nem soube de qualquer fiscalização para evitar que se erguessem novos barracos”, lamenta a líder comunitária Maria Lúcia Cristina de Jesus Silva, que mora numa casa com mais oito pessoas. “Não quero mais sair daqui, só gostaria que fosse um lugar decente para meus filhos viverem”. O lugar não tem saneamento básico nem asfalto.

O relato reforça que as favelas continuam crescendo. Apesar do esforço para tentar resolver o déficit habitacional na Cidade – por exemplo, com a construção de moradias no Estradão, anunciada na semana passada –, a Prefeitura admite que o programa de congelamento de favelas é ineficaz.

“Não conheço fórmula mágica para fazer um eficaz controle e frear a ocupação em mangues, áreas de risco nos morros e de preservação ambiental. O único que conheço é na Serra do Mar, porque tem a presença da Polícia (Militar) Ambiental 24 horas por dia para impedir novas invasões. Isso não é possível em todos os municípios”, diz o coordenador técnico da Defesa Civil, Ernesto Tabuchi.

Apesar disso, o Poder Exe-

## Avanço?

**O coordenador da Defesa Civil em Santos, Ernesto Tabuchi, acredita que, aos poucos, o cerco às invasões de áreas se apertará. Neste semestre, a Prefeitura contratará uma empresa para a demolição de barracos, o que deverá dar mais agilidade ao trabalho de congelar favelas.**

cutivo aposta no Programa de Controle de Ocupação Irregular, criado no início do ano e coordenado pela Defesa Civil, para reverter o desfavorável quadro. A principal diferença dele para outros, segundo Tabuchi, é a integração de várias secretarias, o que não ocorria antes.

O grupo dispõe ainda de um sistema de informações geográficas e uma parceria com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente para ter acesso a imagens capturadas em voos feitos na Cidade a cada dois meses.

O grupo é composto por dez profissionais – entre eles, da Defesa Civil, da Guarda Municipal e engenheiros que realizam vistorias nos principais focos de expansão de barracos e palafitas, atualmente nos diques e morros Santa Maria e Caneleira. “O Poder Público consegue entrar em qualquer beco”, salienta Tabuchi.

Os números são bem tímidos. Neste ano, foram demolidos nove barracos que estavam em início de construção ou vazios. Quando estão ocupados, mesmo que de forma recente, Tabuchi alega que a retirada é difícil



FERNANDA LUZ - 26/4/10

Apesar de planos para reduzir o déficit habitacional na Cidade, o Município reconhece não conseguir frear a ocupação irregular de terrenos



CARLOS MARQUES - 19/12/06

Alemoa teve incêndio em 2006, com 166 barracos destruídos. Hoje, contudo, há ainda mais habitantes do que na época em que pegou fogo

por causa da legislação.

O coordenador acredita que, aos poucos, crescerá o cerco às invasões com a con-

tratamento, neste semestre, de uma empresa responsável pela demolição de barracos. A medida vai agilizar o serviço

de congelamento de favelas e acabará com o constrangimento de funcionários da Prefeitura quando precisa-

vam demolir moradias que ficavam na comunidade onde desalojados tinham parentes ou a própria casa.

## Pontos de vista



O presidente da Cohab Santista, **Hélio Hamilton Vieira Júnior**, afirma que nem todos os lugares afetados por incêndios, por exemplo, podem ter obras: seria preciso retirar imediatamente parte da comunidade dos locais

**“Não conheço fórmula mágica para controle eficaz de ocupações. O único que conheço é na Serra do Mar, com presença da polícia”**

Ernesto Tabuchi, coordenador técnico da Defesa Civil de Santos



**“Precisamos de um novo marco para coibir invasões. Defendo uma fiscalização diária”**

Murillo Barletta (PR), vereador

O vereador **Benedito Furtado** (PSB) sugere que a Guarda Municipal esteja à frente de uma força-tarefa permanente para interagir com comunidades de bairros, a fim de se coibirem ocupações irregulares



## Vereadores cobram ação mais rigorosa

O vereador **Benedito Furtado** (PSB) diz ser necessária uma ação mais firme e atuante da Prefeitura. Ele sugere a criação de uma força-tarefa permanente, 24 horas por dia, assim como funciona a Defesa Civil, para marcar presença nas áreas consideradas mais críticas.

Ele defende que o comandante da Guarda Municipal, Flávio de Brito Júnior, assuma essa responsabilidade por seu perfil conciliador e pela experiência de ter sido policial militar por muitos anos.

Furtado acredita que Brito conseguiria estabelecer um canal de interação com as comunidades, desde representantes de times de futebol até religiosos, para ajudar em denunciar e impedir que áreas sejam ocupadas. “O (Renato Pentead) Perrenoud (ex-secretário municipal de Segurança, que também comandou a Polícia Militar na Cidade) fez isso por um tempo e deu resultado. Mas, por motivos que desconheço,

(o trabalho) foi interrompido”.

O vereador **Murilo Barletta** (PR) diz que, sem fiscalização rigorosa, a tendência é continuar “enxugando gelo”, ou seja, barracos são destruídos pelo fogo, famílias transferidas e outras pessoas reaparecem e levantam moradias. “Precisamos de um novo marco para coibir invasões. Defendo uma fiscalização diária”.

Barletta lamenta que o Município não tenha uma avaliação correta das invasões. Os levantamentos da Companhia de Habitação (Cohab) e de outros órgãos municipais estão sempre defasados, alega. Por essa razão, os projetos habitacionais visando à urbanização de favelas e à transferência de moradores de áreas de risco *nascem* sempre fora da realidade.

Ele considera fundamental que a resposta da Prefeitura seja rápida quando o local for esvaziado, assim como ocorreu com parte da área da comunidade do Mangue Seco-

Butantã, às margens do Rio São Jorge, que foi afetada pelo fogo na semana retrasada. O local está sendo limpo e aterrado para receber um equipamento de educação ambiental. “Não pode é ficar vazio e sem fiscalização. Caso contrário, vamos ver a cena se repetir”.

O presidente da Cohab Santista, Hélio Hamilton Vieira Júnior, lembra que nem todos os lugares são propícios para receber intervenções.

No caso da favela da Alemoa, o incêndio de 2006 destruiu parte do miolo onde vivia a comunidade. Qualquer obra, por menor que fosse, demandaria a retirada de boa parte da comunidade para ser realizada imediatamente e, também, um trabalho de urbanização.

Segundo Hélio Vieira, atualmente, não existe qualquer projeto de construção de moradias populares para atendê-los.